

Cinqüentenário
da morte de
Monteiro Lobato

FOL CLO RE

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 57/58
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
OP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA



Tradição
e sabedoria
popular



91 FEB 1999

91 FEB 1999



VA
|
|
|

Monteiro Lobato

admirador de Euclides da Cunha

Um estudo comparativo entre os dois escritores

□ CASSIANO NUNES

Faz cinquenta anos que o escritor Monteiro Lobato faleceu. Qual é a criança brasileira que não conhece as histórias do "Sítio do Picapau Amarelo"? Lobato valorizou muito o nosso folclore, retirando dele vários personagens. Nesse ensaio Cassiano Nunes fala de Lobato e de Euclides da Cunha.



Humano, demasiadamente humano, no meu entender, Monteiro Lobato representa um convite para a elaboração de estudos comparativos. Foi mesmo nesta área comparatista que, pela primeira vez, me animei a escrever sobre o autor de *Urupês*. Nos Estados Unidos, na modesta mas estimulante Miami University, de Oxford, Ohio, assisti a um excelente curso do prof. Edgar M. Branch sobre os escritores do Oeste Americano e foi aí, então, que me veio a idéia de comparar o gênio de Taubaté com o gênio de Hannibal, Missouri, Mark Twain. Na simpática cidade do Oeste Médio, no fim do citado curso, ofereci como o *paper* regulamentar ao prof. Branch um esboço de comparação entre o contista de *O engraçado arrependido* e o famoso humorista de *The celebrated jumping frog of calaveras county*. Sim, não passava de um pálido esboço pois faltava-me, na terra estrangeira, o material lobatiano. Voltando ao Brasil no devido tempo, completei o ensaio ambicionado: "Mark Twain e Monteiro Lobato: um Estudo Comparativo".

Recentemente, cogitando em apontar as possíveis influências de Euclides da Cunha em Monteiro Lobato, fui reler essa obra capital e singular que é *A barca de Gleyre*, pois recolheu a correspondência de Lobato, enviada durante cerca de

quarenta anos, a seu companheiro de juventude Godofredo Rangel, residente em Minas. Pretendia eu, nessas cartas, sobretudo as que foram escritas na juventude, respigar as referências a Euclides, o que de fato fiz. Mas uma leitura paralela das obras principais de Euclides da Cunha, cujo poder de atração é conhecido, acabaram por desencadear em mim o firme desejo de uma empreitada que oferece riscos: estabelecer uma comparação entre os dois grandes escritores. É fácil perceber que tiveram alguns pontos em comum e será muito interessante observar em que divergiram essas almas de escol. Dois grandes intelectuais brasileiros nascidos e criados no interior, representantes lídimos da nossa cultura, das nossas letras, com freqüência se diferenciam, colidem, não obstante a herança epocal que receberam.

Por conseguinte, como primeiro ponto desta atividade, vou recolher referências a Euclides na correspondência de Lobato dirigida a Godofredo Rangel e transcrevê-las aqui. Deixaremos claro, em primeiro lugar, quanto o taubateano admirava o fluminense. Em carta de 1º de novembro de 1908, aponto o seguinte trecho: "Uma desgraça nunca vem só, diz o povo. Não bastava o desaparecimento de Machado de Assis. Foi-lhe na peugada o Artur Azevedo e agora o João Pinheiro. Seria possível morrerem quase ao mesmo tempo três melhores homens? E houve nisso uma coincidência. Machado de Assis era diretor duma Secretaria e por sua morte foi promovido para o lugar o Artur Azevedo. Apareceu na repartição uma vez só. Parece lugar fatal. Tenho medo de que ponham lá o Euclides da Cunha..." Assim dessa maneira leve, cômica, Lobato confessa a sua admiração pelo criador de *Os sertões*.

A 6 de julho de 1909, lá vem outra referência a Euclides, dando opinião sobre o livro de Alberto Rangel intitulado *Inferno verde*: "O *Inferno verde* é bom, mas não é essas coisas que o Ricardo anda dizendo. É um livro que seria original se não existisse Euclides da Cunha, mas não é obra-prima. O homem concentra coisas demais em cada frase, o que



***O escritor, poeta
e crítico Cassiano Nunes
é um dos maiores
especialistas brasileiros na
obra de Monteiro Lobato***

impõe ao leitor um grande esforço de atenção - e isso cansa."

A 7 de julho de 1909, portanto no dia seguinte à escrita da carta anterior, Lobato, elogiando a leitura do dicionário e o melhor conhecimento do vocabulário, volta a referir-se a Euclides: "Euclides da Cunha foi um grande ledor de léxicos. Em *Os sertões*, eu notei como ele fugia à vulgaridade sem cair no abstruso, por meio do emprego de palavras que o jornalismo não estafou (porque a cachorra que achata todas as palavras da língua é sempre o jornalismo). Em vez de prematuro, *imaturato*. *Implexo* por complexo etc... Uma variação do prefixo, o afastamento dos prefixos habituais da imprensa - e a frase fica mais fina, toda petulante de distinção. A desgraça em tudo é a vulgaridade - 'toda gente'."

A 1º de setembro do mesmo ano, depois de fazer confidências a Rangel a respeito do que estava escrevendo, Lobato inesperadamente refere-se à morte trágica do historiador do massacre de Canudos: "E o Euclides da Cunha? Que horror, hein? Aquilo não me sai da cabeça. É como se eu houvesse levado

a bala. Euclides naquele meio - com um inferno na cabeça ..."

A 27 de setembro de 1910, de Taubaté, aonde foi em virtude da morte do sogro, Lobato assim se manifesta: "Coincide andarmos a ler o mesmo livro, *À margem da história*. Como é novo, como são inéditos entre nós a idéia, o pensamento, o estilo, a língua de Euclides! E por causa duma simples mulher esse homem estupendo desapareceu na voragem."

Ainda de Taubaté, a 11 de setembro de 1911, Lobato torna a falar de Euclides e o faz longamente numa análise do estilo do engenheiro que se revelou grande escritor: "Rangel, volto ao Euclides. Estive a lê-lo e pareceu-me que a sóbria e vigorosa beleza do seu estilo vem de não estar cancerado de nenhum dos cancros do estilo de toda a gente - estilo que o jornalismo apurou até ao ponto-de-bala acadêmico, tornando-o untuoso, arredondado e impessoal". Lobato afirma que Euclides evita prepor o adjetivo ao substantivo "o que contraria a lógica da percepção cerebral". O autor de *Cidades mortas* também aponta, nesse gênio das Letras, a agudeza de dar a preferência às formas verbais simples, e empregando só as compostas, quando indispensáveis.

Em carta datada de 10 de outubro de 1911, referindo-se a uma página escrita por Edgard Jordão, seu companheiro de boêmia literária, e que fora publicada em

homenagem a Euclides, não sei se motivado pela lembrança do escritor épico da guerra de Canudos, Lobato se auto-analisa, subestimando-se como escritor. Assim se manifesta: "Quanto ao que me propões, não sei... Sou incapaz de Literatura; convenci-me disso em Areias, onde tinha todo o lazer possível e não produzi nada. Minha literatura não é de imaginação; é pensamento descritivo; não cria - copia do natural". Imagina-se o criador do Jeca Tatu um pintor, embora mau pintor. Conclui, então: "Talvez seja capaz dum livro de viagens, de impressões e até de pensamentos, porque meu cérebro pensa - mas é só."

Já que falamos em Areias - cidade onde também andei na fase mais dolorosa da minha vida -, "cidade morta", para usar a sua própria denominação, vale a pena lembrar que, por um tempo, lá Lobato ocupou o mesmo quarto em que antes se hospedara Euclides da Cunha... Como me comove pensar nessa coincidência!

Já radicado em São Paulo, em 1917, no começo de sua carreira triunfal de escritor e criador de progresso, e referindo-se a uns fios brancos de cabelo (decerto imaginários, ficção de literato), ele reconhece a influência brutal de Camilo. Confessa, então, seu interesse pelos escritores fortes, intensos, porventura violentos - os Kiplings, os Menckens, os Gorkis - e seu desinteresse pelos delicados, mimosos, femininos. Peço licença para lembrar um desses autores bravos, impiedosos, fortes, agressivos, que Lobato conheceu pessoalmente e admirou. Hoje está

inteiramente esquecido. Refiro-me ao expadre e mulato de Diamantina, Antonio Torres, que escrevia calorosamente páginas de escritor clássico. Autor de *Verdades indiscretas, Prós & contras, Pasquinadas cariocas...* Aos autores graciosos, casquilhos, Lobato chamava de capilés. Não ofereciam sabor forte. Não transmitiam calor ao corpo, não embriagavam. Assim se refere a José de Alencar (a meu ver, injustamente), Macedo, Bernardo Guimarães. Mesmo Coelho Neto e Machado, não obstante o reconhecimento que lhes devota, a situação especial em que os distingue, não escapam da denominação básica e pejorativa de capilés. Só faz duas exceções: "Rui não é capilé. Euclides também não é capilé - mas se o fosse seria capilé com geodésia."

Felizmente, a pesquisadora lobatiana D. Hilda Junqueira Villela Merz, sabedora de que eu viria a São José do Rio Pardo falar sobre Lobato e Euclides de maneira espontânea, mandou-me cópia de uma carta de Lobato, de que já me esquecer. Dirige-se a missiva a duas crianças pertencentes a um grêmio literário da cidade venerada, a que se dera consagradoramente o nome do criador do Sítio do Picapau Amarelo. Esse grêmio devia ter sido inspirado por pessoa generosa que Lobato bem conhece, mas não revela. Vamos à carta: "São Paulo, 18-4-944. Arivésio e Maria Luiza: Presidente e Secretária do MEU Grêmio Literário em São José do Rio Pardo. Acabo de receber (e

no dia dos meus anos) o belo, o bellissimo officio de 14 que evidentemente não saiu de cabecinhas ainda cruas como devem ser as de vocês e o estilo está muito nas linhas dum "anjo" que há por aí... Nele se dizem de minha pessoa as mais lindas e bem estilizadas coisas e até chegam a dar-me tratamento de Vossa Excelência, um tratamento lusitano, que tem a propriedade de embaraçar as pernas como um vestido de cauda. E contam da fundação do MEU grêmio e me intimam a informar "com a possível presteza" da "minha honrosa aquiescência" à homenagem que os gentis meninos haverão por bem prestar-me na instalação oficial do grêmio.

Meu menino e minha menina: confesso que vocês me assustaram! Tanta pompa, tanta Excelência, tanto adjetivo de luva e cartola, tanta beleza estilística para cima do mais pobre dos marqueses, tudo isso o deixou mais chato que o Visconde quando o Dom Quixote lhe desabou em cima. E fiquei num dilema: ou ir e escandalizar a

requintadíssima assistência de São José com a minha viscondal chateza, ou... mandar alguém por mim. Porque, meus meninos, S. José do Rio Pardo é a única cidade deste país que me mete medo. Por causa do Euclides da Cunha.

Rio Pardo se alcandorou tanto, se aprimorou tanto em altas cavalarias estilísticas, tem ouvido tantos condores importados de fora que aí abrem as majestosas asas dos discursos e conferências, que um tipo insignificante como eu nem sabe como tratar um riopardano: Sua Excelência, Sua Truculência, Sua Euclidência... E fica tal qual Tia

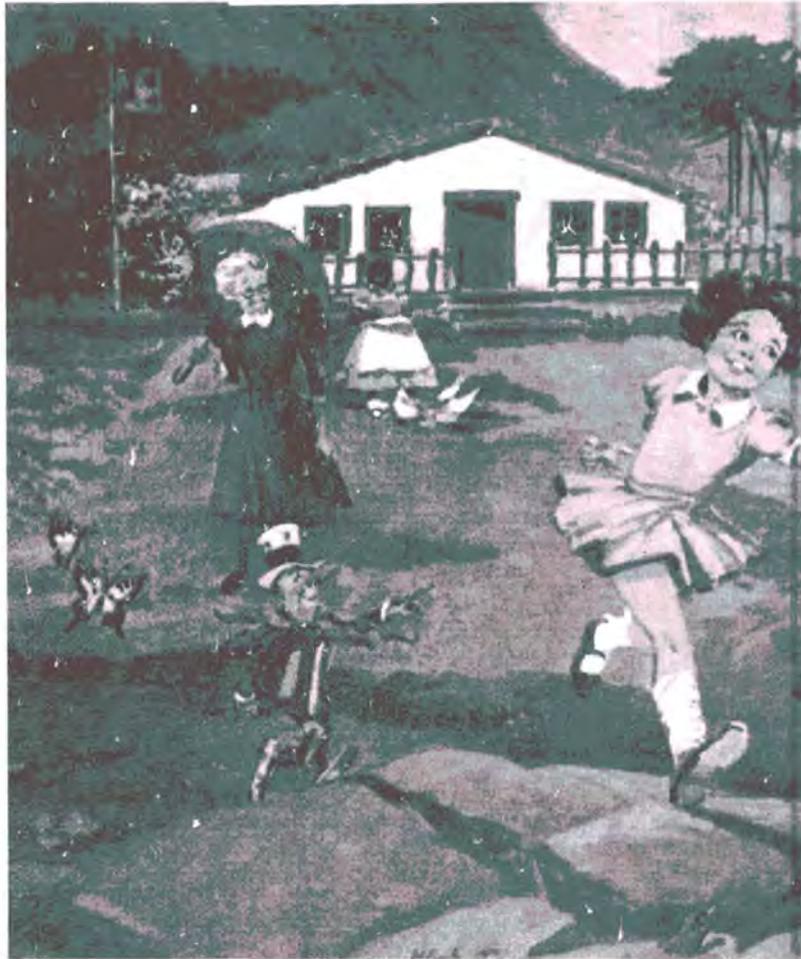


Nastácia quando defrontou S. Jorge na viagem a Lua (quarta edição do ano passado, pág. 53), atrapalhada e trocando as palavras. Cumpre ainda notar que Tia Nastácia tinha no bolso umas palavras de alto coturno, próprias para tais emergências - e em matéria de penas de condor eu sou pelado como um ovo.

E pois vou mandar por mim o Visconde de Sabugosa. Esse não se engasga em situação nenhuma, como demonstrou nas aventuras contadas no *Minotauro*. E garanto que vocês todos, pequenos e grandes (e até o "anjo", ou o "Deus ex-maquina" de

Rio Pardo) hão-de regalar-se muito mais com o discurso do meu milho científico do que com o encarçado trololó dum sujeito que gosta de escrever mas paga para não falar. E desse modo tudo será para maior honra e glória do Sítio do Picapau Amarelo, amém. (a) Monteiro Lobato".

Em carta de 14 de maio de 1907, comunicando a Rangel a sua mudança para a cidade de Areias, Lobato mais uma vez faz referência a Euclides: "Acho-te extraordinário, Rangel. Formaste hoje; no dia seguinte, és nomeado promotor de Cambuí; no terceiro dia resignas sem sequer ires ver se Cambuí realmente existe... O mesmo não posso fazer eu, pois vim ver se Areias existia e fiquei. Areias, Rangel! Isto dá um livro a Euclides (e por falar, Euclides passou uns tempos aqui, ocupando exatamente o quarto que é o meu). Areias, tipo de ex-cidade, de majestade decaída. A população de hoje vive do que Areias foi. Fogem da anemia do presente por meio de uma eterna imersão no passado." A carta finda com referência a uma tradição popular do interior e ainda a Euclides. Vejamos: "Terra de tradições. Anteontem



livros de Monteiro Lobato. É natural que nas páginas de *A Barca de Gleyre* se exhiba, por inteiro, o ilustre filho de Taubaté, porque as cartas que encerra foram mandadas para um amigo íntimo, um confidente, e nunca ele poderia pensar que, um dia, seriam publicadas. Contudo, nas outras peças de prosa, tratando dos assuntos mais diversos, as opiniões pessoais de Lobato - às vezes, até esquisitas - ficam bem patentes. Descrevendo o Jeca Tatu miserável, o fazendeiro-escritor incompreensivo pelo distanciamento de classe, também se descreve. O personalismo do estilo tão singular do autor de

queimaram diversos judas. Ainda há judas em Minas? Apareceu de Euclides um belo artigo sobre o Judas no Acre." ("Jornal do Comércio", de 31.) Leia.

Iniciando o trabalho de comparação entre Lobato e Euclides, e em que teremos de desdobrar as características mais pessoais de um e de outro, para, no final, podermos fazer o confronto, começemos apresentando as qualidades mais específicas do criador do Sítio do Picapau Amarelo. É uma figura mais fácil de expor, pela singeleza e tendência para exteriorização, enfim, homem que se mostra com facilidade, sobretudo na superfície clara da expressão escrita.

Euclides é pessoa mais difícil de estudar. Nele, penso, domina o temor de mostrar-se como indivíduo. Nas suas páginas literárias, expõe-se o tema porém se omite o que há de pessoal, de íntimo, no autor. Nesse ponto, é bem diverso de Lobato, que exterioriza tudo o que lhe vem à cabeça. Lendo-o vemos bem por que ele é o pai da Emília, indiscreta e implicante.

A contínua expressão do íntimo, do âmago pessoal, constitui a primeira observação que extraímos da leitura dos

Urupês foi o que o revelou logo, tanto a Rui como à Nação. Rui, senhor do classicismo mais tradicional, deve ter ficado surpreso pela espontaneidade de Lobato, aquilo que, decerto, pouco depois, os modernistas iriam procurar... E já que falamos em estilo, vou lembrar o que escrevi, há anos, num estudo sobre o prosador do Vale do Paraíba. Assinalei, então, a sua preferência por uma linguagem simples, de sabor oral, mas também a sua constância no emprego de metáforas ou outras figuras de estilo, especialmente oriundas da vida interiorana, da domesticidade provinciana. Cheguei a chamá-lo - imaginem - "estilo Jeca Tatu", pois se arraigava na terra, na roça. Exemplifiquei na ocasião e vou exemplificar agora. Vamos ao primeiro exemplo: "A Revista cresce e engorda como bananeira". A predileção botânica revela-se no segundo exemplo: "A árvore-Brasil ainda não chegou na fase de floração. Ainda é um pé de mamona, que nasceu ao léu no monte de esterco lusitano". Outro exemplo na mesma linha: "até erva-de-passarinho me deu no estilo".

Representações diversas de zoologia

aparecem aqui e acolá: “A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos.” Outro exemplo: “O nosso piraquara é uma criação do Paraíba, tal e qual o lambari, o taiabacu de rabo vermelho, nhacundá pintadinho”. Ainda outro exemplo: “Não sei como vai ser essa obra. Talvez um romance. Talvez uma série de contos e coisas com uma idéia central. Nessa obra aparecerá o caboclo como o piolho-da-serra, tão bem adaptado como nas galinhas o piolho-de-galinha, ou como no pombo o piolho-de-pombo, ou como no

besouro o piolho-de-besouro, incapazes de viver em outros meios.”

Nesta amostra, o escritor analisado passa da zoologia para a fisiologia: “A semana passada, li dum fôlego *Agulha em palheiro*. Que garbo! É um romance saído de dentro dele (Camilo Castelo Branco) como um rato sai dum buraco. É um jato. (...) Isto, Rangel, não é dizer passado por alambique mas mijado.”

O setor da culinária não foi esquecido. “Como são curiosos os bastidores do mundo e como seria sem graça se todas as criaturas fossem bem comportadinhas como nós, Rangel! Os anormais funcionam como o sal, a pimenta, a mostarda, o coentro, a salsa da vida!”

Ficou claro, pelo que foi mostrado, que Lobato é o tipo do homem aberto. E que sua concepção do estilo é orgânica, natural, como a sua concepção da Arte brota da existência, das vivências mais congênicas do indivíduo. A esse artista vital, imaginoso, mas de qualquer maneira muito arraigado na tradição - nas melhores tradições - era difícil a aceitação



de concepções estéticas que exigiam um certo cerebralismo como o cubismo, o abstracionismo e até o expressionismo audacioso de Anita Malfatti.

O humor permeia quase tudo o que é escrito pelo amador de caricaturas. É uma das suas características mais permanentes. Nos últimos anos de sua vida, muito decepcionado, sofrido, Lobato funde, então, sátira com o amargor. E mesmo anatematizando a sociedade, a humanidade, o faz em termos cômicos.

Como fica bem evidenciado na carta que manda a um editor que o desejava incluir num compêndio, que iria reunir os grandes vultos brasileiros: “S. Paulo, 10/5/947. Prezado Sr. J. Henriques. Recebi a sua carta de 2 deste, na qual me pede um verdadeiro *compte-rendu* da minha vida em benefício da obra a publicar-se *Os grandes vultos do Brasil*. Respondo declarando que, em sã consciência, não posso atendê-lo: mas se por acaso a Empresa Histórica Nacional houver, por bem, um dia, dar

a público uma obra que muita falta nos faz *Os grandes idiotas do Brasil*, terei o máximo gosto em responder a todas as perguntas e até tomarei a liberdade de insistir para que me coloque num dos primeiros lugares. Com a maior estima e sensibilizadíssimo pela honra que me fez considerando-me vulto, assino-me, cordialmente, Monteiro Lobato.”

Um dos elementos mais fecundos com que conta o Andersen brasileiro é a tendência para o cômico. É divertindo as crianças que Lobato cria a sua literatura infantil. Emília, o Visconde de Sabugosa e o Marquês de Rabicó que são senão figuras cômicas?

É verdade que por má sorte de Lobato e nossa, há evasões, fugas, do excelente escritor ao seu destino de criador de Literatura, que foram fatais para a realização plena, harmoniosa, da sua obra. Nesse ponto, ele foi o anti-Machado de Assis, escritor que soube muito bem se resguardar das seduções do mundo... O próprio Euclides da Cunha, engenheiro, demarcador de fronteiras, com morte imprevista e prematura, não nos dá como Lobato essa impressão desgostante de escritor inaçabado.

Porventura, essa tendência de Lobato para fugir às Letras ser-lhe-ia instigada por esse desapareço que existe, no Brasil, pela figura do escritor? Vivemos, no sistema capitalista, e nele, o escritor se não for rico, está condenado à pobreza e às maiores humilhações. Ainda recentemente, no Rio de Janeiro, o respeitado ensaísta Luis Costa Lima, num solene discurso universitário, notava criticamente que, no nosso país, ainda não se descobriu ou criou um lugar para que se situe o intelectual...

A intrusão de Lobato na área dos grandes negócios, que poderiam tornar-se o ferro e o petróleo, foi, contudo, a meu ver, uma prova da sua ingenuidade congênita. Cabia a ele, sem dúvida, como intelectual e patriota, fazer a defesa da organização desses elementos da economia, em nome da redenção da Pátria pobre e primitiva, mas evidentemente siderurgia e exploração de petróleo não são atividades para amadores... A petulância com que Lobato se atirava às mais diferentes aventuras

de ordem econômica era, na verdade, lamentável... O resultado é que não temos uma literatura do café, o romance de São Paulo como o "Ciclo da Cana-de-Açúcar" de José Lins do Rego, que é ainda acompanhado por uma obra-prima *Fogo morto*.

Nelson Palma Travassos, forte empresário gráfico e escritor agradável, que conheceu bem Lobato, pois o acompanhou nos empreendimentos de visionário, concluiu - e, a meu ver, com razão - que a tendência de Lobato para a criação de novas empresas e negócios era estimulada pelo seu imaginário de literato... Travassos falava com a autoridade de quem tinha sensibilidade para a literatura, mas era, em primeiro lugar, um homem de negócios, atento, calculista, frio.

Depois de ter lido a correspondência de quatro décadas, que ocupa todo o volume de *A barca de Gleyre*, descobri uma nova área de criação literária de Lobato que até hoje não foi verdadeiramente avaliada. Refiro-me ao seu epistolário. Excetuando esse volume singular, o pouco e disperso que foi lançado da correspondência do grande autor paulista parece-me de pouca valia. Excetuo - e desculpem-me a falta de modéstia - o volume *Monteiro Lobato vivo*, que organizei a convite da agência de publicidade MPM, e o pequeno livro que reconstitui a correspondência entre Monteiro Lobato e Anísio Teixeira, organizado por Priscila Fraiz. Posso anunciar a publicação, ainda este ano, pela Fundação Getúlio Vargas, e em organização da mesma Priscila Fraiz, a correspondência entre o autor de *Urupês* e o sábio Artur Neiva. Que luta foi a minha para obter esta publicação!

Durante cerca de dez anos, bati a numerosas portas sem êxito. Que estranho país é o Brasil! Nele, é difícil até publicar Monteiro Lobato... Volto, pois, a tocar uma antiga tecla. É preciso, sem mais delongas, que se faça um levantamento minucioso das missivas de Monteiro Lobato que subsistem. Como já tive a oportunidade de anunciar, num artigo, só a família do grande erudito de Natal, Luis da Câmara Cascudo, possui mais de 200 cartas, assinadas pelo criador de Jeca Tatu.

Nessas epístolas, encontramos não só a capacidade literária de Monteiro Lobato mas também um repositório valioso de informações sobre a vida literária brasileira e sobre a história do país, nos seus mais diversos setores. Vibrátil, agudo, imaginoso, curioso, sarcástico ou generoso, Lobato dá notícia de tudo e de todos.

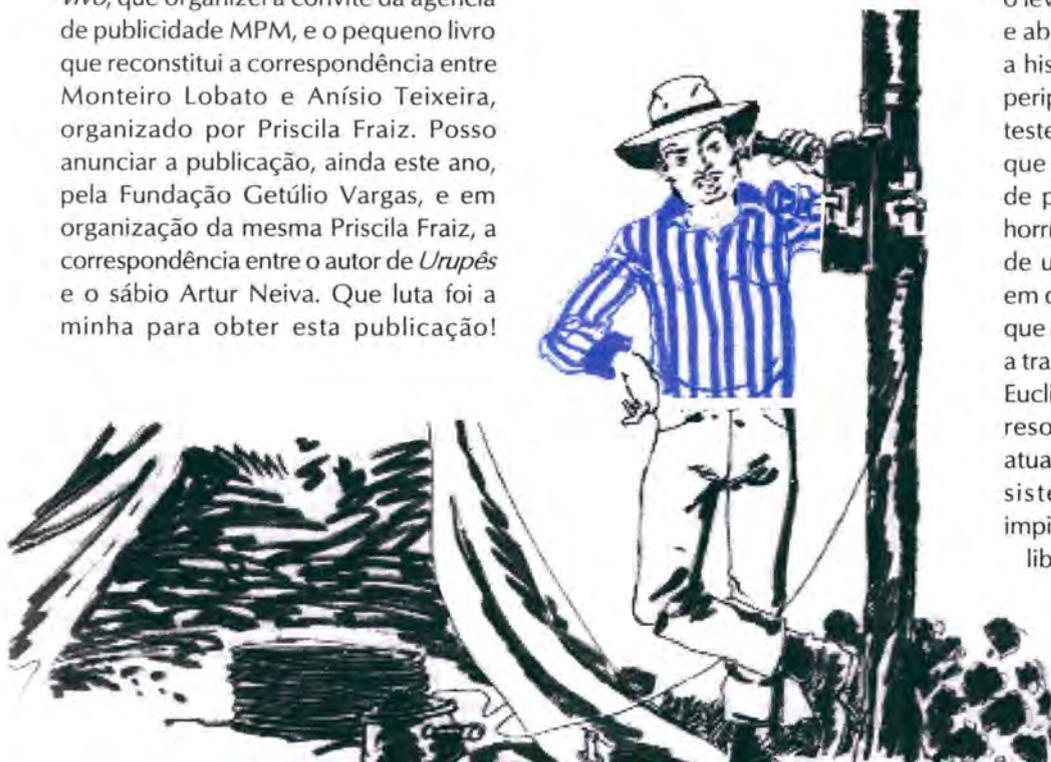
Passemos, agora, a nos referir a Euclides. No início de sua interessante obra *O enigma dos Sertões*, Regina Abreu destaca, para a formação do espírito de Euclides da Cunha, o fato de ele ter passado parte de sua infância no interior, em fazenda. Era uma situação bastante comum no século passado: Lobato, de certo modo, também a

conheceu. A escritora, penetrante, assim se manifesta na citada obra: "Até 1874, dos quatro aos oito anos, o menino viveu no interior, o que o marcaria profundamente. Naquela época, a vida numa fazenda do interior, nos 'sertões' do Rio de Janeiro era bastante diversa da vida na cidade. Muitos escritores do período, como Joaquim Nabuco e Sílvio Romero, retiraram da singularidade do campo, especialmente da vida nas grandes fazendas, inspiração para tecer rentáveis fios de memórias, construindo a partir deles uma área temática na literatura: a dos contos e histórias sertanejas ou rurais".

Mas se, rapaz, Lobato emerge da vida provinciana para o exercício estudantil em São Paulo, a boêmia inocente do Cenáculo, que ele jamais esquecerá, e as conversas despreocupadas dos cafés, muito diferentemente Euclides afundase nos estudos de militar e de engenheiro, com profunda seriedade, medita sobre as conquistas científicas e acompanha as mudanças e choques políticos do país.

É um introspectivo, um meditativo, que procura uma situação profissional que não o afaste demais das aspirações de intelectual e de patriota. A tarefa de jornalista, de repórter, que também era, o leva à tragédia de Canudos, ao terrível e absurdo massacre que marca a história da nossa República. Estranha peripécia do acaso! É mandado para dar testemunho da tragédia um jornalista que também é um escritor e homem de profundo senso trágico. O seu fim horrível, penetrado pelas balas mortíferas de um inimigo ocasional, num avanço em que, porventura, mais se oferece do que ataca, comprova a sua vocação para a tragédia. No seu heroísmo desvairado, Euclides esperava decerto simplesmente resolver um problema de moral. Ele atuava como elemento natural de um sistema de moral duro, rígido, impiedoso. Na nossa sociedade de hoje, liberada, o drama de Euclides perdeu

o sentido. Parece a mim natural que um homem com o espírito grave e complexo de Euclides não escrevesse com a singeleza, a naturalidade, básicas no escritor Lobato,

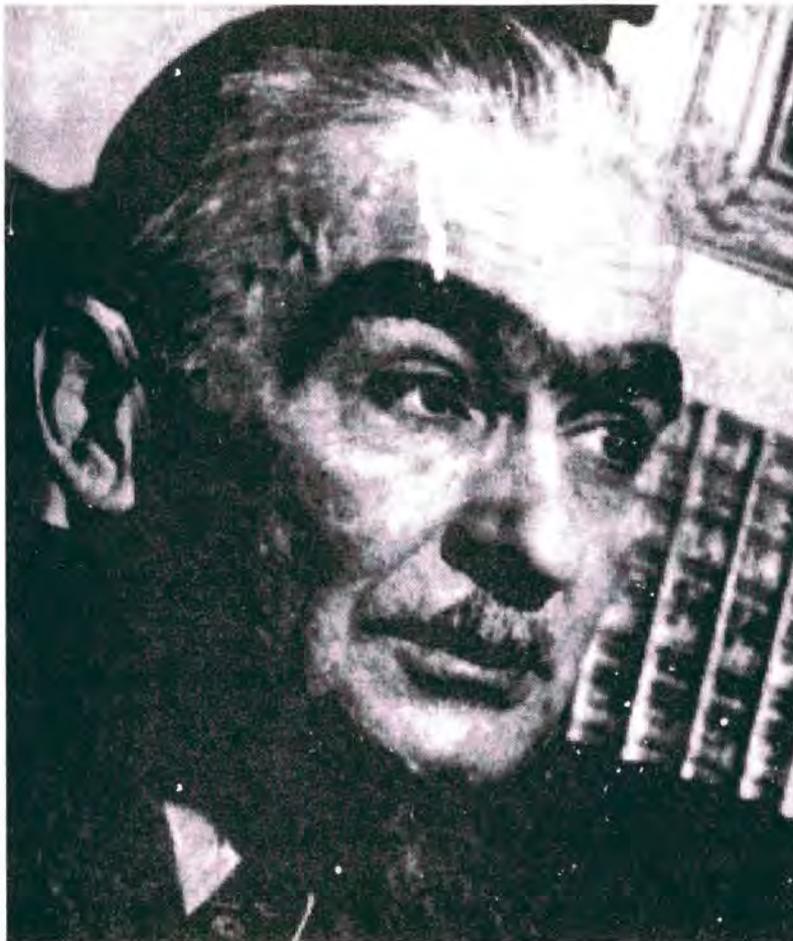


homem mais voltado para o exterior do que para o interior, atraído pelo espetáculo do mundo.

Uma pessoa com um fundo de pensamento tão inquieto como Euclides teria naturalmente que se expressar, em páginas literárias, numa forma complexa. Concordo, pois, de bom grado, com Gilberto Freyre, que o classifica escritor barroco. Assim se manifesta o sábio de Apipucos, o prosador saboroso e inovador de *Casa grande & senzala* a respeito do estilo do autor de *Os sertões*: "Transpôs (Euclides) para a arte de escrever o viver perigosamente de que falava Nietzsche. Escreveu num estilo não só barroco - esplendidamente barroco -

como perigosamente próximo do precioso, do pedante, do bombástico, do oratório, do retórico, do gongórico, sem afundar em nenhum desses perigos, deixando-o apenas tocar por eles; roçando, por vezes, pelos seus excessos, salvando-se como um bailarino perito, em saltos mortais, de extremos de má eloquência que o teriam levado à desgraça literária ou fracasso artístico. Que o teriam tornado outro Coelho Neto."

A tendência barroca não me parece apenas oriunda de sua esquisita singularidade mas creio que pode ser atribuída ao passado artístico brasileiro. Filho do interior, pessoa constantemente ligada ao interior, que era até há pouco, no Brasil, região mais primitiva, mais ligada ao passado, podemos imaginar a mente desse artista interiorano naturalmente influenciado pelo passado vivo, atuante, que iria dissolver-se pelo impacto tantas vezes nefasto dos meios modernos de comunicação. Não terá sido o que aconteceu com os artistas



**Monteiro Lobato
foi o criador
do Sítio do
Picapau Amarelo
e do popular
Jeca Tatu**

Concordando perfeitamente com Gilberto Freyre, e, parece-me, com a maioria dos conhecedores de Literatura, Miguel Reale assevera a superioridade de Euclides na área da criação literária. Assim se expressa: "O que projeta Euclides da Cunha nas culminâncias da cultura nacional são sobretudo os seus méritos de escritor, o poder transfigurador de sua arte, ao revelar-nos a realidade brasileira, e não a parafernália científica de que se

posterioros Cornélio Pena e Adelino Magalhães?

Sobre o estranho Cornélio Pena, escreveu o poeta e crítico contemporâneo Leonardo Fróes: "Mas apesar de não estar no mercado, só ser lembrado por poucos, Cornélio Pena é um dos mestres da prosa brasileira moderna. Sob o aspecto temático é, por excelência, o romancista do barroco - o que viu no mofo das pedras a dimensão dos fantasmas."

A singularidade de Adelino Magalhães existe de tal modo que Eugênio Gomes considerou-o, nas nossas letras, "uma ilha". Esse autor individualista, contudo, enraizava-se na cultura popular. Xavier Placer o mostra ligado à sua província e a sua família: "É Adelino Magalhães a personalidade do autêntico fluminense, gente de caráter e maneiras trabalhados por larga tradição de sociabilidade, descrita no agir e no falar, valores que se vão surpreender nas suas mais representativas expressões humanas, na política como nas letras."

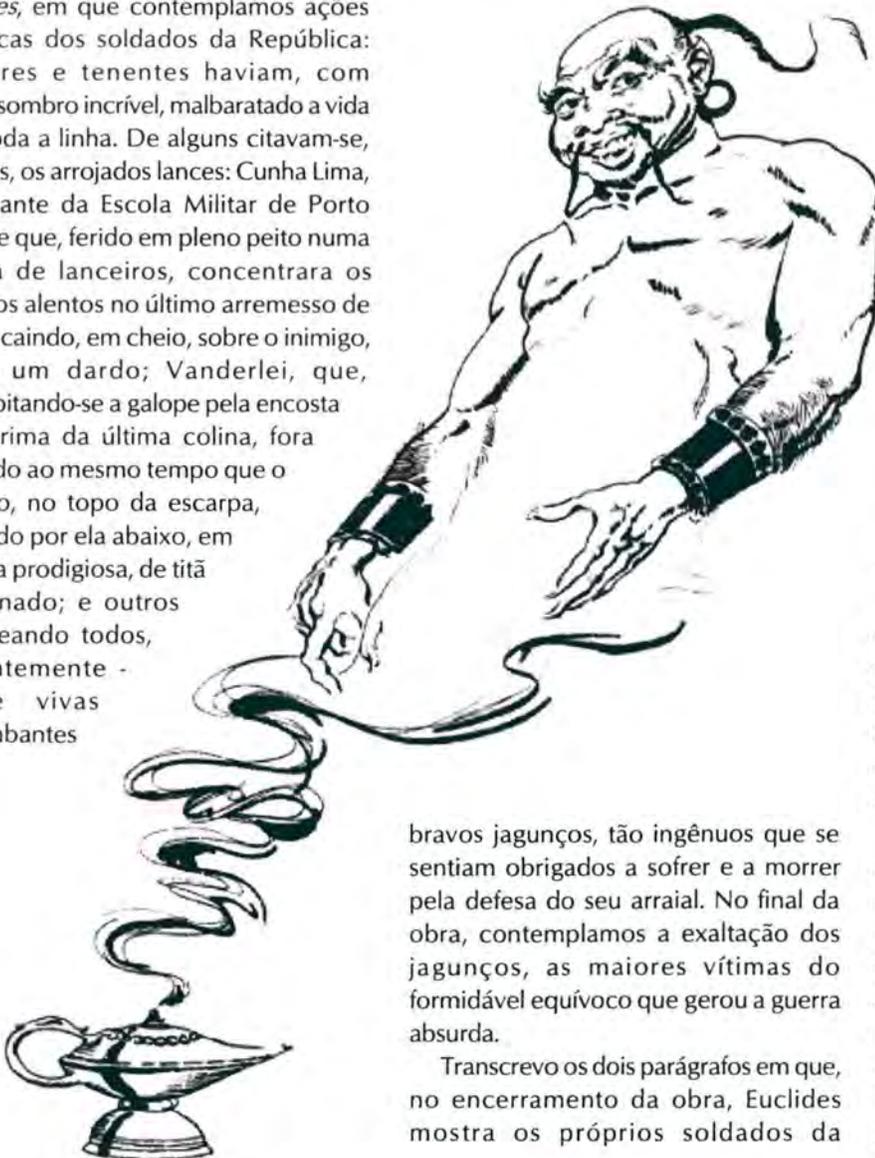
valeu para retratar homens e coisas, sobrevivendo e crescendo cada vez mais seus valores artísticos, apesar da caducidade dos conhecimentos científicos de que tanto se envaidecia."

Quer-me parecer que os valores de Euclides não são apenas de categoria literária; são também de qualidade humana. E o mesmo se pode dizer de Lobato. A verdade é que nunca se pode separar o escritor do homem que basicamente ele é. É um traço humano não literário a simpatia que leva Euclides à descrição da fraternidade que une o caboclo à natureza em que ele vive. Leiâmos Euclides: "Cercam-lhe relações antigas. Todas aquelas árvores são para ele velhas companheiras. Conhece-as todas. Nasceram juntos; cresceram irmãmente; cresceram através das mesmas dificuldades, lutando com as mesmas agruras, sócios dos mesmos dias remansados." E depois de descrever as relações que os soldados travam com as árvores locais - o umbu, o araticum, o

ouricuri -, atingimos a seguinte conclusão apoteótica: "A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu indomável. É um titã bronzado fazendo vacilar a marcha dos exércitos."

Este trecho faz-me pensar na tensão titanista, no clamor titanista, de fundo heróico e moral que encontrei na poesia de Cruz e Sousa e expressei num ensaio intitulado "Cruz e Sousa e o Mito do Poeta como Herói Moral". Heroísmo não meramente físico, instintivo, mas de origem espiritual, é o que entrevejo na obra de Euclides da Cunha.

A mística heróica da República é salientada por Euclides que a conheceu na sua educação militar. Há uma interpretação psicanalítica desse culto: a República impor-se-ia, como mito feminino, aos rapazes fardados. Merece especial atenção este belo trecho de *Os sertões*, em que contemplamos ações heróicas dos soldados da República: "Alferes e tenentes haviam, com desassombro incrível, malbaratado a vida em toda a linha. De alguns citavam-se, depois, os arrojados lances: Cunha Lima, estudante da Escola Militar de Porto Alegre que, ferido em pleno peito numa carga de lanceiros, concentrara os últimos alentos no último arremesso de lança caindo, em cheio, sobre o inimigo, feito um dardo; Vanderlei, que, precipitando-se a galope pela encosta aspérrima da última colina, fora abatido ao mesmo tempo que o cavalo, no topo da escarpa, rolando por ela abaixo, em queda prodigiosa, de titã fulminado; e outros baqueando todos, valentemente - entre vivas retumbantes à



República - haviam dado à refrega um traço singular de heroicidade antiga, revivendo o desprendimento dos místicos lidadores da média idade." Salientando esse "lirismo patriótico", Euclides remata: "A luta pela República, e contra os seus imaginários inimigos, era uma cruzada."

A relação do Homem com a Natureza é um dos aspectos mais lembrados por Euclides. A propósito, cito o trecho: "A ferocidade do jagunço era balanceada pela selvaticidade da terra." Sugiro também que *Os sertões* visualizam mais massas do que indivíduos.

No entanto, do ponto de vista do sentimento, a que, como já disse, dou primazia, o que mais nos encanta e comove é o seu reconhecimento dos

bravos jagunços, tão ingênuos que se sentiam obrigados a sofrer e a morrer pela defesa do seu arraial. No final da obra, contemplamos a exaltação dos jagunços, as maiores vítimas do formidável equívoco que gerou a guerra absurda.

Transcrevo os dois parágrafos em que, no encerramento da obra, Euclides mostra os próprios soldados da

República, admirando, com respeito, os seus míseros antagonistas. Fazemos a sua leitura: "Em muitos despertou, ao cabo, irreprimível e sincero entusiasmo pelos valentes martirizados. Não o encobriam. O quadro que se lhes oferecia imortalizava os vencidos. Cada vez que o contemplavam, tinham, crescente, o assombro.

A igreja sinistra bojava, em relevo, sobre o casario em ruínas; e impávidos ante as balas que sobre elas convergiam, viam-se no esplendor fugaz das fuzilarias, deslizando-lhes pelas paredes e entulhos, subindo-lhes pelas torres derrocadas ou caindo por elas abaixo, de borco, presos aos blocos disjuntidos como titãs fulminados, vistos de relance, num coriscar de raios, aqueles rudes patrícios indomáveis..."

"Aqueles rudes patrícios indomáveis..." Atingi o ponto que almejava, isto é, o instante em que o intelectual bem provido de teorias científicas do tempo, bem próximas do racismo, através da experiência humana e da intuição miraculosa do artista - ser frequentemente generoso - reconhece a grandeza humana no mestiço.

Euclides reconhece que os sertanejos sobre-humanos inverteram "toda a psicologia da guerra; enrijavam-nos os reveses; robustecia-os a fome, empedernia-os a derrota. Ademais, entalhava-se o cerne de uma nacionalidade. Atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça."

Aos olhos penetrantes de Euclides não escapa a origem do drama de Canudos - na verdade, apenas um aspecto da terrível realidade brasileira: a faixa litorânea extensa, desenvolvida de costas para um vasto interior abandonado, desconhecido.

E ainda há no Brasil indivíduos - e alguns deles são até intelectuais - que não entendem por que Brasília foi construída. Ignoram que a sua fundação estimulou um desenvolvimento notável ao Centro-Oeste e promete prosperidade até para regiões amazônicas. Fato reconhecido, de corpo presente, por Clovis Sena, que está prestes a lançar um livro revelador.

Vejam como Euclides busca reconhecer, no massacre estúpido, dialeticamente, a eclosão de um lampejo de esperança no triunfo de uma civilização brasileira. Ouçamos um dos seus pronunciamentos mais sábios: "Decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões.

Havia um inimigo mais sério a combater, em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários."

Diferente da seriedade de Euclides, e seriedade dá-me idéia de imutabilidade, de algo que não muda, que não se move, Lobato diverge do seu autor querido e sugere-me a idéia da própria variabilidade. Se Euclides sonha sempre a inteireza do Brasil, Lobato, por um certo tempo, defende o separatismo de São Paulo. É claro que ao fim se descobre basicamente brasileiro e escritor, mas, na sua vida exterior, quantas vezes dá as costas às Letras que, por sorte, lhe deram fama, respeitabilidade e até dinheiro!... Talvez essas fugas às Letras provenham de querer salvar o Brasil e saber que, escrevendo, não o salvava. Assim se expressa o escritor vitorioso: "Sinto-me capaz de tudo, mas sempre por força da habilidade e da manha, não pela força ingênita do artista que cria inconscientemente e de jactos. Sou, em suma, o tipo do curioso que acho uma beleza de expressão popular, equivalente à nossa "amador". Eis, Rangel, o que no fundo penso de mim..."

Estas palavras foram escritas em 1914, ano em que começa a ser conhecido com a invenção vitoriosa de Jeca Tatu, e é bem possível que ele não tenha tardado a mudar de idéia. Mas a verdade



é que nunca deixou de se interessar por grandes empreendimentos que o afastaram das Letras.

Depois da sua experiência americana, que o deslumbrou, pois viu o progresso de modo concreto, triunfal, resmunga depois de se ter, de novo, radicado no Brasil: "Vida ativa, Rangel, que delícia! Pena sermos ainda tão água choca... O que não era possível fazer aqui se houvesse mais compreensão, mais cultura universal, mais ciência, mais eficiência..." Palavras razoáveis ainda hoje.

Sim, Lobato tinha razão quando critica, no nosso país, a tendência para o imobilismo que, a meu ver, provém de uma causa histórica: sempre fomos governados por uma oligarquia, em grande parte, de base latifundiária, que não tem nenhum interesse no progresso. Pesquisador norte-americano descobriu que, no princípio do século, senadores de Goiás, que era, talvez na época, o estado mais atrasado do Brasil, trabalhavam secretamente para impedir a construção de estradas no seu estado. E, hoje, a tendência para a globalização não representa um desestímulo para as nossas atividades próprias e um convite para ficarmos apenas à espera das pressões de fora?

De qualquer modo, como conclusão, creio que Monteiro Lobato e Euclides chegaram a transcender os preconceitos do seu tempo, transmutados pela força redentora da Literatura, da Cultura.

Assim sendo, Euclides e Lobato puderam entender que a mestiçagem não impediu, antes, pelo contrário, contribuiu para que o Brasil se estabilizasse como um país aberto, cordial e desejoso de progresso. O Brasil abraçou sírios, japoneses, judeus. E o nosso próprio racismo, de origem colonial, escravocrata, aqui foi muito menor do que em outras partes do mundo - lembro países africanos e os Estados Unidos - e hoje, bastante diminuído, mostra sinais de próxima extinção. Não tanto pela força das leis como pelo impacto dos costumes.

Monteiro Lobato, Euclides da Cunha... Mas não se ligam esses espíritos aos de Machado de Assis, Lima Barreto, Cruz e Sousa? (Penso, no momento, na empolgante página de Euclides sobre o velório de Machado de Assis.) E mais proximamente a Gilberto Freyre, Gilberto Amado, Jorge Amado, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Rubem Braga? Paro aqui... A literatura brasileira - assim o sinto - constitui uma família espiritual, profundamente ligada às nossas raízes e história, e cujo objetivo mais alto sempre foi e continua sendo: elevar o nosso povo, tornar-se a voz deste povo, enganado, explorado, sem voz.

Não obstante todos os erros e, até ousou dizer, todos os crimes, somos uma nação da amizade, da cordialidade... Mário de Andrade que, como Euclides, percorreu partes estranhas do nosso país-continente, para conhecê-lo verdadeiramente, isto é, captar a sua autenticidade, a sua capacidade criativa, pôde num verso resumir o que somos. E o que somos?

Disse o Mário: "Nós somos, na Terra, o grande milagre do Amor!"

Cassiano Nunes é escritor e crítico literário.